

# Correio das Artes

Ano I Número 36 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 27.11.1949



VINHETA DE SANTA ROSA

## VARIAÇÕES SOBRE O PASSADO

MANUEL BANDEIRA

A MORTE de Inácio Areal, o proprietário da famosa «Rotisserie Americana», o restaurante mais requintado da cidade até fechar-se há anos atrás, expoente em tudo, até na decoração «art-nouveau», do estilo de vida 1900 (de que só resta agora a confeitaria «Colombo»), inspirou ao meu querido amigo e torrencial poeta Augusto Frederico Schmidt uma dessas deliciosas crônicas com que, a partir das páginas de «Galo Branco», vem ele enriquecendo a nossa tão mo-fina ainda literatura de memórias. Repete Schmidt as palavras de admiração que eu lhe disse pelo telefone, comentando aquela sua aptidão para arrumar o passado como coisa definitivamente morta e enterrada, coisa perempta e de que já é possível falar num tom longínquo de melancolia evocativa. O que, acrescentou, «diverte Manuel extremamente, fazendo-o julgar-se homem de priscas eras, por ter visto e participado de coisas ainda mais antigas».

Ora, aqui ha engano de Schmidt. Embora muito mais velho que Schmidt, não me julgo absolutamente de priscas eras e precisamente por isso é que me espanta ver o meu amigo envelhecer-se tão completamente para efeito de submergir o mundo sob a onda de poesia em que ele próprio vive imerso.

Não é que me julgue moço. Ao contrário, já tomei conhecimento da velhice, não fisicamente, é verdade, porque a esse aspecto conheci a pior das velhices — que é a invalidez em plena adolescência (mas a vida pode ser às vezes um jogo de compensações: a minha foi de sentir renascerem-me as forças na idade em que o comum dos homens sofrem a primeira queda no tono vital). Sei que estou velho é por certos estados de alma, certos «moods»: moro no Castelo e não fui ver o Carnaval no Gêlo, não tenho nenhuma vontade de conhecer pesso-

almente T. S. Eliot, e não me seduzem as viagens (recusei convites para a Argentina, o Chile, o Equador, os Estados Unidos, Portugal e... Paris)... Gosto dos meus cômodos... Por tudo isso sei que estou velho. Mais do que as datas confirmam-o um ou outro encontro com algum amigo de infância já avô de moças casadouras e rapazes de bl-godeira.

Sim, estou velho, mas na minha sensação de velhice não entra absolutamente o pêso morto do passado. Sou um velho sem passado. Quero dizer que o passado continua a existir para mim

como um presente, digamos uma enorme paisagem sem linhas de fuga, uma paisagem sem perspectiva, onde todos os incidentes, os de ontem, os do ano passado, os de há cinquenta anos se apresentam no mesmo plano, como nos desenhos das crianças. Há cinquenta e quatro anos eu lia no Colégio de Virgínio Marques Carneiro Leão, à Rua da Matriz no Recife, o «Coração» de De Amicis. Não tenho saudade: foi ontem. Meu pai morreu faz vinte e nove anos. Não me consolo: foi ontem. De vez em quando me assusto: faz trinta anos que tal coisa aconteceu!

Passado passado para mim só o das coisas que se passaram em ambientes que nunca mais tornei a rever. Se os revejo, tudo reverte da franja para o foco da consciência e não consigo dar às minhas evocações aquêlê segrêdo de melancolia com que tanto nos comovem um Chateaubriand e um Schmidt. Mas as «rêveries» de Chateaubriand me falam de paisagens e tempos que não vi, Schmidt não, Schmidt fala da «Rotisserie» do velho Areal, onde comi mais de uma vez, fala do tempo em que ia aos domingos a Paquetá e nas segundas-feiras me fazia o relatório das suas felicidades ou desditas amorosas (ô amor de golpes que era aquêlê!)... Nesta vida de

## Poema da Hora Presente

CLÁUDIO TUIUTI TAVARES

*Cinza nos campos inférteis;  
cadáveres que dormem consolados;  
armas que esperam outras mãos;  
pássaros qu morrem de frio,  
sem ninhos, sem árvores em que morem;  
farpas de capotes e estandartes  
sacudidas, em mistura com a poeira rútila  
e impregnada de cristais de sangue  
por uma brisa fantástica a sorrir  
(é o escarnecimento da morte).  
Porém ali ainda há vida:  
gemidos dos que não sucumbiram de todo  
pairam no ar lilás da madrugada.  
Estão acabando de matá-los os carnívoros.*

Schmidt contracenai. Pois bem, juro-vos que foi ontem, o poeta está exagerando, não acreditem, trata-se de um falso Matusalém. Compreendo que ele me trasmita o seu calafrio nostálgico quando nos evoca as

suas manhãs de caixeirinho da firma Costa Pereira & Cia. (a cena nos fundos do armazem, olhando ele com inveja os que entravam e saíam da Livraria Briguier, então estabelecida à Rua Sachet, é um passo de mes-

tre). Mas não posso deixar de me divertir quando o vejo pretendendo promover, ou melhor remover a passada longinquo o passado de ontem, a afundar em Catais e Cipangos de lenda o Oriente Próximo de agora.

Não se zangue Schmidt, sei que é sincero no seu sentimento, só que não sinto como ele. E pergunto a mim mesmo: que vale mais, o que magoa menos, sentir o passado à minha maneira ou à dele?

## “O DESERTO E OS NÚMEROS”

MOACIR SOUTO MAIOR

EDSON REGIS se afirmou um dos poetas mais expressivos da nova geração com a recente publicação de sua estreia «O Deserto e os Números», coletânea de versos em que ao lado de uma temática definida se superpõe uma realização estética em quase estado de perfeição. Na composição de sua poesia Edson Regis encontra uma ressonância mais forte nas palavras do que mesmo na idéia e essa preferência nos lembra aquela resposta de Mallarmé ao pintor Degas, que explica todo itinerário poético seguido pelo professor de inglês do Liceu Condorcet. Edson Regis chega mesmo a sugerir que não pode restringir na sua arte a ação do elemento verbal, quando nos diz

Ah! quantas palavras  
nos mares circulam!  
Não posso prendê-las,  
ouví-las não posso,  
pertencem ao deserto,  
nas águas me afogo.

pag. 14

A lição mallarmeana consiste unicamente na sugestão, conseguir o poeta lentamente se enquadrar na subjetividade, deixar apenas transparecer o que desejava comunicar ao leitor, dependendo exclusivamente deste sua perfeita compreensão. Poemas dessa coletânea como «Composições III», «Os Dois Papeis», «As Viagens III» se colocam perfeitamente na categoria expressional da poesia, ou seja no domínio do que esta possui de mais definido e característico. Edson Regis já traduziu alguns poemas de Mallarmé, inclusive o conhecido «Brise Marine», que encontrou na transplantação para nossa língua um tradutor de reais qualidades literárias. Diante de tantas afinidades não se pode

deixar de salientar que o processo artístico de Edson Regis se aproxima ao de Stéphane Mallarmé, sobretudo pela importância decisiva que o poeta de «L'après-midi d'un faune» emprestava as palavras. Mas o autor de «O Deserto e os Números» não se escravizou à influência que apontamos e antes dessa limitação indicamos que ele a superou, conseguindo com um poder de transfiguração artística afirmar-se unicamente pelas suas experiências, sem apegar-se contudo a nenhum atavio que pudesse prejudicar a pureza de sua mensagem. Sentimos por isso uma poesia nua demais, despojada de certos elementos que nos atraem à sua leitura, mas reveladora de uma personalidade poética sem nenhum artifício ou subterfúgio. O clima a que o artista se eleva através de suas experiências Edson Regis já alcançou definitivamente

com os versos subjetivos de «O Deserto e os Números». E os aspectos mais elucidativos de sua personalidade estão registrados — sem nenhuma intenção do poeta em catalogar seus sentimentos — num tom natural e simples, obedecendo a um impulso momentâneo, que estabelece sua reação diante do mundo e das coisas.

O princípio artístico que o norteia na composição de sua obra ele nos aponta nesses versos,

«não terei a pressa  
que aniquila o verso.  
Esta é a palavra  
de límpida fonte,  
precisa como o sábado,  
nítida e leve  
como pura lágrima.  
lenta, rolando  
pela face:  
liga teu verso  
a ti mesmo  
que ao céu noturno  
será mais puro,  
embora um mistério»

pag. 9

Essa afirmação da função criadora da personalidade, que é a principal característica do artista, nos leva a refletir nas reações de Edson Regis em face de seu país que é o do deserto e dos números, um território abstrato onde se originam os choques que o identificam com

«Os orfãos perdidos,  
os gritos de fome,  
os jogos da morte,  
as folhas caídas,  
as águas paradas,  
as luas dos loucos,  
os leitos de sangue,  
os rios noturnos,  
os poemas quebrados  
são números trágicos  
na minha cabeça»

pag. 13

A estrutura de sua poesia que reflete intensamente o seu próprio ser se forma com a reunião do elemento sensível e supersensível, resultando dessa combinação a afirmação do universo por uma visão ontológica. E daí para os grandes momentos da poesia pura é uma diferença tão reduzida que Edson Regis já conseguiu colocar em segundo plano. Seus poemas demonstram que na visão introspectiva da vida existe uma realidade muito poderosa e lúcida que a nossa. E essa maneira de compreender o fenômeno poético denuncia um talento de primeira plana, que mesmo em seu livro inicial consegue afirmar-se definitivamente.

### A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor — SILVIO PORTO

### CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

Secretário de Redação

EDUARDO MARTINS

Redatores:

Carlos Romero — Dulcídio Moreira

George Mattos — Juarez Batista

JOÃO PESSOA

PARAIBA



# NO MUNDO DE COCTEAU

FRANCISCO IGLESIAS

O SEXAGENÁRIO Jean Cocteau, no retiro em que se encontrava tentando recuperar a saúde, escreveu um livro de confissões íntimas bem nos moldes da tradição francesa de literatura rica em obras do gênero. Quase levamos um susto ao verificar que Cocteau está envelhecendo: para os que o conhecem é difícil conciliar o espírito de aventura do "menino diabólico" com a gravidade que a velhice supõe. "La difficulté d'être" não é livro de memórias, na forma clássica; não é também conjunto de impressões sobre o que o autor viu ou fez. Escrevendo como se nada quisesse dizer, assim como quem faz confidências no papel por não encontrar a quem se dirigir, Cocteau transmite a experiência de sua vida.

É esse tom confidencial, necessário a quem se encontra em situação difícil, que lhe dá grande beleza e força de emoção. O que o livro evidencia é exatamente o que diz o título — a dificuldade de ser. A impressão que fica no leitor é a de profunda melancolia. Cocteau não quis provar nada, mas conseguiu transmitir, através de alguns esboços rápidos e preciosos, a impressão mais completa do vazio e da tristeza. O assunto é perigoso para a literatura, pois pode levar ao sentimentalismo inocente de cronistas ou — o que é pior — às tiradas tolas de uma pretensa filosofia. Um autor como Cocteau jamais cairá em um desses extremos: para se livrar tem os requintes de estilo artístico, com o máximo de audácias, ou desprezo pelos afirmativas dogmáticas, pelas conclusões

muito acabadas. Daí a força desse pequeno livro que se lê com o fascínio das obras de melhor forma literária, em expressão original, reveladoras de intimidade rica.

Cocteau foi buscar o título em uma resposta famosa de Fontenelle. Conta-se que esse filósofo, que realizou a façanha comprometedora de viver cem anos, foi interrogado sobre o que sentia, ao completar o centenário. A resposta foi simples: — "Rien, rien du tout, seulement une certaine difficulté d'être", segundo conta Ortega y Gasset, um dos admiradores entusiasmados da frase, "Je sens une difficulté d'être", conforme diz Cocteau,

que nota que se a dificuldade do filósofo era de última hora, a sua é de sempre.

Jean Cocteau, que viveu de agitar a literatura e os meios artísticos franceses, aparece agora tranquilo no livro escrito distante de todo barulho no repouso forçado de quem tenta a cura de doença que não dá esperança. É outra a sua fisionomia: não é mais o menino diabólico que tenta temeridades, a maneira de seus personagens. Parece estar sereno. Sua serenidade não é a de quem se dispõe a enfrentar a vida, mas a de quem pensa não ter mais o que fazer. A confissão que faz mostra um artista que viveu intensamente. Não dá idéia

de cansaço de abatimento ou desengano. Não se arrepende de nada do que fez não tem de que se penitenciar.

A imagem comum que se tem de Cocteau é a de um parisiense que vive de escandalizar o próximo, viciado sem moral que se intoxicou até de ópio em buscas de sensações. Nenhuma de suas obras deixou de repercutir, provocando a divisão entre alguns entusiastas e o grande número de negadores. Mesmo entre os críticos que o respeitam a sua obra nem sempre é levada a sério. Sua personalidade perturbadora não dá segurança a ninguém, de modo que é sempre com cuidado que alguém se aproxima dele. Revolvendo sempre os padrões estabelecidos em arte, cada realização sua provoca verdadeiro movimento. Se não costuma apresentar nada de profundo, e sempre original e às vezes mesmo audacioso na forma. Aí é que Cocteau é de fato perturbador, com a necessidade permanente de mudança que o faz experimentar tudo, ainda as formas estravagantes e até mesmo as de gosto vaidoso. A obra e algumas particularidades de sua vida levaram a verdadeira lenda, segundo a qual Cocteau é das figuras típicas de certa noção que se tem de Paris, misto de inteligência e frivolidade, de beleza e prazer, resultado sobretudo da fantasia de jovens que sonham impossível viagem ou da imaginação de velhos poucos recomendáveis.

Diante do que conta agora, não somos levados a abandonar de toda essa imagem do autor de "Les parents terribles", embora ele diga estar levando "uma vida de



AUTO-RETRATO DO PINTOR PERNAMBUCANO  
AUGUSTO REYNALDO

monge". O que é errado é querer reduzi-lo a esse tipo de "boulevard", como se fosse possível a tal personagem, que pouco mais tem que interesse passageiro de pitoresco, realizar a poesia de Cocteau, os seres alucinados de sua ficção ou os jogos de inteligência de seu malabarismo crítico. Mais de uma vez ele procura defender-se dessas lendas que tanto o desfiguram, embora de certo modo também o caracterizem.

Outra idéia que em geral se tem de Cocteau é a de orgulho, de vaidade sem limites. A idéia é justificável à vista de suas variações contínuas, que mostram inadaptações a qualquer fórmula: a rebeldia a tudo que existe denota orgulho, bem como suas críticas implacáveis a quase tudo. Poucas confissões, porém têm tanta humildade como a que acaba de fazer. Humilde diante de poucos, é verdade, pois só faz referência a alguns raros amigos; os que o marcaram em qualquer sentido têm consideração que não é comum encontrar. Essa força de admiração para certas pessoas destrói e imagem falsa de uma criatura vaidosa, incapaz de interesse pelo próximo. A raridade de sentimento não o invalida — se só muito excepcionalmente sentiu em alguém a chama de um caráter respeitável, a marca de uma humanidade rica, a culpa não é sua, mas do nível baixo demais dos tempos. É pouco provável que alguém, com senso mínimo de valor, arrolasse mais nomes que ele. São comoventes as evocações que faz de um Raymond Radiguet ou de um Erik Satie — para citar apenas dois nomes mais conhecidos: sentimos aí, no calor da solidariedade, a melhor marca de delicadeza.

Quasi todos os nomes evocado por Cocteau

são do conhecimento de quem se interessa por realizações artísticas. É que as suas atividades dividiram entre a literatura, o teatro e o cinema, ora ficando em uma delas, ora fundindo-as para experiências. Se seus amigos são pintores músicos ou escritores é que Cocteau vive apenas em função da arte, integrando no que faz. Daí, quando fala de íntimos, as evocações de Proust, Satie, Radiguet, Diaghilew, Strawinsky, Picasso, Apollinaire, Max Jacob, Jean Genet. Suas atrações foram a poesia, o romance e o teatro, em que realizou o melhor de si mesmo, bem como o "ballet" e o cinema. Em todas deixou a marca de originalidade de sua visão poética das coisas.

Se quisessemos resumir em que consiste essa visão deveríamos dizer apenas que a de um mágico. O mundo de Cocteau é o de quem mal atingiu a adolescência; em todos os seus quadros mais amplos nota-se a mesma desordem lógica que se encontra no mundo das crianças. É a "desordem orgânica" de que fala. Só no desarranjo de coisas acumuladas — em que os outros se sentem mal, incapazes de direção mas onde as crianças e certas criaturas simples se orientam com segurança, como em ambiente de ordem perfeita — é que se sente bem. O seu meio preferido deve ser semelhante a um quarto de feitiço ou a um gabinete de cientista extravagante em que tudo pode acontecer. O que há de melhor em "Les enfants terribles", por exemplo, é o quarto em que os dois meninos vivem e criam a atmosfera poética que domina o livro; em "Les parents terribles" também é o quarto que constitui a cena em que a peça se desenrola e domina os dois personagens principais com seu ar-

ranjo especial. Cocteau mais de uma vez já elogiou esses lugares, do mesmo modo que elogiou o mau gosto de certas artistas de teatro. No fundo, resultado de existência dedicada à arte cênica. É o mundo do teatro, em que tudo se acumula nos cantos e corredores, tudo é decorativo se dispõe apenas para apresentações rápidas, para causar efeito. Cocteau é inteiramente homem de teatro, em tudo que essa entidade comporta de poderes e limites.

Não tem sentido a tentativa de resumir "La difficulté d'être". Dele nem sequer se pode tirar a biografia do autor pois não é livro de memórias, mas de impressões. Tem interesses para os leitores de Cocteau, para os que os acompanham nas experiências e lhe admiram a literatura e a atitude intelectual. Esses amarão o livro: o tom melancólico de quem não encontra justificativa para a vida em nada do que fez, a saudade dos amigos mortos e o pressentimento de morte próxima fazem o encanto humano; a atitude de insatisfação pela obra que não é negada pois é a melhor que poderia fazer — mas que não chega a convencer como realidade maior dá o peso de consciência artística.

O homem já se domina e pode ver-se do alto; superou as contingências que o animavam e torturavam. Pode estar sereno, pois não julga ser possível fazer mais. Nem louvores, nem conformismos, nem censuras ou arrependimentos. Tudo teve lugar em seu tempo. Atravessando todos os períodos como ligação houve só uma nota, a mesma que o domina ainda: a consciência da dificuldade de ser, a terrível sombra que nunca deixou de se projetar. Ela é que o hu-

maniza e o transporta do mundo de teatro ou de magia para o nosso mundo comum de dificuldades das criaturas comuns. Aí nos encontramos todos sob o mesmo peso: a dificuldade de ser, que é a marca geral. Era um bemaventurado o filósofo que a sentiu no fim da vida. Como Cocteau, quase todos os homens a sentem desde o primeiro dia. Antes fosse privilégio dos que conseguem completar cem anos.



**O**S ingleses sempre foram mestres em escrever livros para crianças e em ilustrá-los. Agora, Janet Adam Smith acaba de reunir uma coleção das melhores dessas ilustrações em cores, no volume "Children's Illustrated Books" (Collins, Londres; série "Britain in Pictures"). Explicações históricas e críticas acompanham as ilustrações. É um livro que contém sugestões preciosas para os nossos ilustradores, infelizmente pouco numerosos, de literatura infantil.

**A**LTAmente significativas são as palavras com que Maupassant resume o seu ideal de estilo, no prefácio de "Pedro e João": "Seja qual for a coisa que se quer dizer, só há uma palavra para exprimi-la, um verbo para animá-la, um adjetivo para qualificá-la. E' pois preciso procurar a que se tenha descoberto essa palavra, esse verbo, esse adjetivo e não recorrer nunca a fraudes, a "clowneries" de linguagem para se evitar a dificuldade".

# ASCENSO

JOSÉ CONDE

**D**ESDE a sopa ele tomou conta da conversa e da garrafa de vinho.

— "Filosofia" — pediu Mauro.

Ascenso não se faz de rogado. Não houve cidade do interior que ele não corresse, o povo do-

do para ouvi-lo, poeta se desmanchando naquê- le sorriso franco de quem não sabe negar.

Enquanto rabisco esta nota, penso no poeta que é o verdadeiro dono das ruas do Recife, complemento de sua paisagem.

Lá está o poeta Ascenso Ferreira — o mesmo de há quinze anos atrás quando o conheci — não faltando a festas onde a bebida corre a valer, recitando, tornando a recitar o que o povo já ouviu tanto e ainda não cansou de ouvir, Ascenso, boêmio, gordo e grande.

Hora de comer — comer!  
Hora de dormir — dormir!  
Hora de vadiar — vadiar!

Hora de trabalhar?  
— Pernas pro ar que ninguém não é de ferro!

O poeta acompanhar-nos na gargalhada. Só que a dêle é maior, gargalhada de homem gordo com quase dois metros de altura.

Magnífico Ascenso Ferreira!

Sempre o mesmo: nem mais velho, nem mais moço. Grandalhão de fala e gestos moles; transbordando poesia da cabeça aos pés. Lírico

mesmo quando irreverente — e como poucos interpretando admiravelmente a vida e a paisagem da região: serras caçimbando, chuvas fortes empapando estradas rurais, casarões mal-assombrados, o Great Western correndo para as terras de Alagoas, cangaceiros, e santos, vaqueiros varando o mato fechado das caatingas.

Dos engenhos da minha terra  
Só os nomes fazem sonhar;  
— Esperança!  
— Estrêla d'Alva!  
— Flor do Bosque!  
— Bom-Mirar!

— Recita a "Sucessão de São Pedro", Ascenso!

— Seu Vigário!  
está aqui esta galinha gorda  
que eu trouxe pro mártir São Sebastião!

— Está falando com êle!  
— Está falando com êle!

Isso foi há dois anos. Agora, a exemplo do que fez Manuel Bandeira, Ascenso Ferreira vai gravar em discos os seus poemas. Eis uma esplêndida notícia sobretudo para aqueles que tiveram a oportunidade de ouvi-lo recitando "Cavalha-

da", "A cobra cabriola" e tantos outros poemas que, ditos pelo autor de "Caímbó" e de "Cana caiana", adquirem além de sua força e beleza, sutilezas que só o próprio poeta consegue revelar.

Na minha vida cruel e avara  
és irrequieita chama clara  
iluminando a solidão!

Porém, repara bem, repara  
e vê se a nada se compara  
o imenso horror desta aflição!

Se acarieio a chama clara,  
a chama queima a minha mão!

Sózinho de noite,  
nas ruas desertas  
do velho Recife  
que atrás do arruado  
moderno ficou...  
criança de novo  
eu sinto que sou!

— Largo de ser vagabundo, Ascenso!

## Notícias

RUY BARBOSA NÃO  
GOSTAVA DE  
EMPRESTAR LIVROS

do grande poeta possu-  
uma linguagem à parte"

**N**UMA interessante conferência sobre a biblioteca de Ruy Barbosa, conta Homero Pires, que o Concílio de Paris, em mil duzentos e doze, nos bons tempos do rei Luis IX, recomendara, como um genero de caridade o empréstimo de livros.

Mas era uma caridade, que Ruy Barbosa, com muita razão, não gostava de praticar — acrescenta o conferencista.

GOETHE E O  
DICIONARIO

**G**OETHE dizia que nada mais o distraia do que a leitura de um dicionário.

SHAKESPEARE E  
UM IDIOMA

**N**ÃO basta saber inglês para compreender Shakespeare — diz Alfred Vigny — torna-se necessario entender Shakespeare que é também uma lingua. O coração

A POESIA E A VELHICE

**A**OS sessenta anos, solicitado pelos amigos para voltar a fazer versos, Theophile Gautier teria respondido: "Acho que a poesia só tem quando possuímos mocidade, força e amor". E continuou a viver de literatura, escrevendo sempre em prosa.

**P**OR volta de 1840, Harel, o diretor espiritual e empreendedor do teatro da Porte Saint-Martin, de Paris, encontrara-se num grande aperto de dinheiro e resolveu recorrer a um expediente desesperado: pedir 30.000 francos emprestados ao rei Luis Felipe. O monarca, conhecido como muito mesquinho, respondeu-lhe sem perder a sua presença de espírito: "Sr. Harel, ia fazer-lhe o mesmo pedido".

# "CORREIO DAS ARTES"

JAIME HIPÓLITO DANTAS

**E** dita-se, atualmente, na capital do vizinho Estado da Paraíba, senão o melhor, de certo um dos melhores suplementos literários do país.

Refiro-me ao do jornal "A UNIÃO", de João Pessoa, orientado pelo brilhante poeta Edson Regis.

Trata-se de um suplemento bem diferente dos que comumente nos chegam às mãos. Dele pode-se dizer que é o único, no Brasil, a nos dar a impressão antes de uma autentica revista.

Que lhe falte para uma revista? Pouca coisa, com efeito. Mais umas mãosadasinhas na sua aparência material, e pronto. Porque tudo nele, de resto, é arte, é coisa do espírito, da inteligência, da sensibilidade. Nada que lhe diminua o aspecto eminentemente artístico. Lê-se, o da primeira à última página, (são 16, ao todo), da mesma forma por que se leriam algumas das melhores revistas literárias da província. E que colaboração!!! - Como tem competência o poeta Edson Regis, e que ele é no gênero!

Pintores, poetas, cientistas, críticos, a inteligência, enfim, da terra do grande José Lima do Rêgo abriga, a Edson Regis nas colunas deste suplemento. E afora uma ou outra produção menos interessante, mas duplamente justificável o seu aparecimento, que aqui e ali está a se deparar aos nossos olhos, tudo o mais é delícia e atração.

**E** NTRE as celebrações mais importantes do bicentenario de Goethe, merece especial destaque a exposição goethiana organizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A riqueza do material exposto, assim como o bom gosto da apresentação honraram a primeira biblioteca do país e são provas eloquentes da esclarecida orientação da atual diretoria. Segundo se informa, seu diretor, o escritor Josué Montello, está com o projeto de organizar exposição semelhante, no começo do ano que vem, para comemorar o centenario da morte de Balzac.

Publicou Luiz Barreto o seu primeiro romance — *Mulher sem alma* no qual revela qualidades apreciáveis, particularmente pela maneira como conduz o fio da narrativa.

Agora, calcule-se o trabalho de seu orientador.

Acredito que pequeno é o numero de gente que, entre nós, sabe avaliar da imensa diaculda, de com que luta um diretor de um órgão qualquer de divulgação artística. E principalmente quando se quer referir a um órgão da espécie deste "Correio das Artes", isto é um órgão tão só e exclusivamente artístico, sem aquele horror de paginas dedicadas especialmente ao Cinema, ao Rádio, ao Lar, ao Campo, etc. tão vulgares na maioria dos nossos suplementos dominigueiros.

Sabe-se bem a que é isto devido. É a falta de bom gosto, por parte do publico, sobretudo por tudo quanto diga respeito às coisas da inteligência ou da sensibilidade, de que se falou acima.

Mas quem já viu se vencer qualquer obstáculo, nesta vida, com comodismo?

Se há leitores que não se dão ou não vão com essa "conversa" de literatura que procurem outro caminho. Ou tratem de se acostumar com este. Do contrário paciência. Suplemento literário é suplemento literário. Não é outra coisa não. É suplemento literário repito-se.

E isto soube muito bem compreender o jovem bardo pernambucano. Este seu "Correio das Artes", é possível que ainda sirva de modelo a muitos outros organizadores de suplementos literários espalhados por aí a fora, medrosos de enfrentar a barreira das gentes.

Bastaria, para vermos assegurado, para o futuro, o movimento de renovação ou aproveitamento dos valores artísticos ou culturais que ora se inicia em todo o territorio nacional, que em cada grande cidade do país houvesse um órgão de divulgação como este.

Já o crítico Alcântara Silveira comparou o a "Letras e Artes" o famoso suplemento de "A Manhã", do Rio. E não comparou mal não. Ambos parecem obedecer ao mesmo processo de integração artística. A

mesma discreção na seleção da matéria, às mesmas normas, aos mesmos sentimentos.

É o mais interessante a digno de se admirar e louvar, em tudo isto e a que ainda não se fez menção, é que é ao governador Ovídio Figueiredo que se deve o aparecimento, como a manutenção econômica deste delicioso "Correio das Artes". Coisa, aliás, rara ou quase inédita, no nosso país: pessoas assim se importam com questões de arte.

Se bom que tal atitude encontre eco nos nossos demais governadores!

Valeria a pena, na verdade.

MOSSORÓ — 1949



**D** A autoria do professor Bernard Blackstone, acaba de sair "Virginia Woolf — A Commentary", publicado pela Hogarth Press, a mesma editora fundada pela autora de "Orlando".

Neste livro, pela primeira vez a crítica recorre ao estudo da vida da escritora para auxiliar a interpretação e compreensão de sua obra.

## SAUDADE

OSÓRIO PAES

Saudade, ronda incerta da lembrança,  
Em busca da ilusão nunca encontrada;  
O bem perdido que não mais se alcança  
De nossa vida na sinuosa estrada.

Antepassados tempos de bonança  
De minha juventude descuidada;  
Amante que não tem mais esperança  
De novamente, se fazer amada.

Olhar que fica, quem se vai olhando,  
Até fugir de vez pela distancia,  
O adeus final, que acena o lenço pando...

Saudade, o poeta enfermo da tristeza,  
Relendo, á noite apaixonada estância,  
A' luz mortuária de uma vela acêsa...

# ANTOLOGIA POÉTICA DA NOVA GERAÇÃO

ORGANIZADA POR FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

WILSON DE FIGUEIREDO

V

WILSON de Figueiredo nasceu em 22 de julho de 1924 em Castelo, Espírito Santo. Vive desde os primeiros meses em Minas Gerais. Foi um dos fundadores da revista EDIFÍCIO, revista de novos, precursora de JOAQUIM e ORFEU. Publicou três livros de poemas: "Mecânica do Azul", 1946; "O Amante", 1947; "Poemas Nativos", 1949.



## COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO

Um pedaço de pão na toalha,  
uma gota de vinho no fundo do cálice triangular  
e um cigarro esquecido aceso na beirada da mesa  
quando os convivas começaram a partir.  
Silêncio caindo em granizos  
e encampando a harmonia simétrica, longínqua,  
dos cristais que nos iluminam  
e dos sapatos de vidro na valsa imperial.

A vidraça onde o sereno escorre  
deforma meu rosto inorgânico.  
De olhos baixos, fixo o relógio pulseira  
onde lágrimas caíram  
entumescendo ponteiros e números romanos,  
desfigurando o tempo.

Ah! meus olhos pesados, arrastando a corrente de visões  
[que me aprisionam,  
e uma voz que nasce e morre em mim,  
sirene sufocada pelos gritos do silêncio  
e a lua asfixiada por salteadores a cavalo, na estrada.

Palavras de ciúme caem de mim no chão,  
entre migalhas de alimentos e os sapatos negros,  
e são frutos de uma árvore que sou eu,  
sacudida por soluços de perdão e tosse úmida.  
Dói em minha cabeça o grito de arrependimento  
que acabo de gritar dentro de uma garrafa de álcool vivo  
afritamente absorvido.

Morre hoje a glândula de minha mocidade.  
E por que as serpentes do fogo não inoculam  
em minhas veias o veneno de prata?  
Bem sei que quando estiver sózinho à janela de meu  
[quarto,  
acesas apenas as voláteis luzes de cabeceira,  
e a lua estiver pendida em alfange sobre minha testa,  
retalharei as estranhas com pensamentos castos;  
bem sei que castrarei o lírio, o ar, a água e a madrugada  
que me estiveram assistindo amanhecer

Amanhã estarei de novo afogando as lembranças de Or-  
[manda, o primeiro amor,  
entre sêdas ardentes, diante de vitrinas de roupas de  
[mulher,  
como se ela não mais pudesse vir a ser minha.  
Meus enevoados olhos verdes, de cão  
gemendo junto ao corpo morto de seu dono.

A cabeça vai pendendo lentamente sobre os joelhos,  
meus gânglios engorgitados por heranças, sono e ciúme.  
Um conhecido me acena em despedida. Também eu pre-  
[ciso partir;  
passo as mãos pelo rosto e respira fundo.  
À saída do baile, mulheres solteiras  
são refletidas pelas poças de água, no asfalto.  
Estrêla na capota dos carros de praça ao relento  
e a cigarreira embaçada por minhas mãos frias e suadas.

Envolver num assobio límpido  
a flor na lapela, borrifando-a de ternura.  
Passo as mãos pelos cabelos.  
Dentro do automóvel  
minha mulher me aguarda,  
— uma flor seca fechada na luva cinzenta.

## CÂNTICO

N O início te busquei intacta  
nos retratos antigos de minha mãe, na colega que partiu.  
Chegavas de ti mesma para o meu sono e o meu sonho  
com tua beleza abrigada por brumas da infância  
e meu olhar por detrás das lágrimas,  
resto de um carnaval triste de chuva e sem fantasia.  
Um piano de rodas partidas dentro da tarde  
nos deixava ancorados no silêncio  
como areia caindo sobre os sentidos na insônia marcando  
[um tempo na sombra.

Barcos velejavam no azul do céu,  
pórtico para teu corpo, onde meu silêncio já seria uma  
[inscrição de fogo.

Manso como um seio  
um rebanho descia da montanha  
enquanto flautas dissolviam a memória em valsa.  
Eram teus os joelhos da adolescente no trapézio prês-  
[so ao céu da infância sem sexo,

a vida da filha sem a parábola do retorno  
e a boca da professora que me pedia flores.  
Eras a emigrante das noites de baile e imaginação  
habitando azul o corpo entre meus braços,  
mas tuas mãos caíam no meu recolhimento  
sem acenos, sem adeuses, nem mistério.  
Partindo de mim e de ti  
estátuas sem fim ilimitariam o mundo  
e as jovens regressariam à sua beleza.

# GOVERNOS EFÊMEROS

JOSÉ LEAL

EMQUANTO no período colonial o governo dos Capitães Mores Governadores se estendiam por varios anos, numa demonstração evidente da continuidade administrativa, feita a independência essa estabilidade desapareceu para dar lugar a mutabilidade, quasi instantanea, dos chefes do executivo provincial.

Os governantes despachados pela antiga metropole lusa embarcavam para o exercicio do cargo por espaço de tempo previamente marcado e, somente a morte tinha o poder de interromper o curso da atuação desses delegados do soberano, como se deu com Antonio Velho Coêlho, que aqui faleceu em agosto de 1719, depois de um governo de dois anos e três meses. Os demais preencheram o tempo estipulado nos "regimentos", excessão feita de Joaquim Rabelo da Fonseca Rosado, que, em 24 de outubro de 1821, teve de embarcar para o Reino, impellido pela pressão da opinião pública.

Naquele período, salvo Jeronimo José de Melo Castro, (33 anos e 22 dias) que era subordinado ao Capitão Mór General Permarbuc, os governos mais longos foram os de Pedro Monteiro de Macedo, (9 anos e 11 meses) de junho de 1734 a maio de 1744; João da Maya Gama, (8 anos e 10 meses) de julho de 1708 a maio de 1717; Antonio Borges da Fonsêca, (8 anos e 3 meses) de agosto de 1745 a novembro de 1753; João de Abreu Castelo Branco, (2 anos e 2 meses) de janeiro de 1722 a março de 1729; Antonio Caitano Pereira, (4 anos, 1 mês e 6 dias) de 30 de agosto de 1809 a 11 de dezembro de 1815.

Quatro anos e dias duraram os governos de Amaro Velho Cerqueira, (setembro de 1687 a junho de 1692); Francisco de Barros e Vasconcelos, (novembro de 1703 a julho de 1708); Fernando Delgado Freire de Castilho, (de junho de 1798 a abril de 1802); Amaro Joaquim Raposo de Albuquerque, (junho de 1805 a agosto de 1809).

Os demais ocuparam o cargo por tempo inferior ao quatriênio adotado pelo regime republicano para a duração dos mandatos dos chefes dos executivos estaduais.

Proclamada a Independência criado, em 1824, o cargo de Presidentes das Provincias de provimento privativo do Imperador, estabeleceu-se a dança dos titulares dessa função, não tendo nenhum logrado manter-se quatro anos no poder e, dos cento e vinte homens públicos que ocuparam o cargo apenas o excederam por mais de um ano: Alexandre Francisco Seixas Machado, (2 anos, 7 meses e nove dias) de 22 de julho de 1824 a 1.º de maio de 1827; Pedro Rodrigues Ferreira Chaves, Barão de Quaram, (1 ano e 9 meses) de 4 de maio de 1841 a 3 de fevereiro de 1843; José da Costa Machado, (3 anos, 2 meses e 27 dias) de 18 de dezembro de 1844 a 15 de março de 1848; Frederico Carneiro de Campos, (3 anos, 2 meses e 27 dias) de 18 de dezembro de 1844 a 15 de março de 1848; João Antonio de Vasconcelos, (1 ano, 8 meses e 11 dias) de 11 de maio de 1848 a 22 de janeiro de 1850; Antonio Coêlho de Sá e Albuquerque, (1 ano, 9 meses e 25 dias) de 3 de julho de 1851 a 28 de abril de 1853; Henrique Beaure-

paire Rohan, (1 ano, 5 meses e 24 dias) de 10 de abril de 1857 a 3 de junho de 1859; Francisco de Araujo Lima, (2 anos, 8 meses e 29 dias) de 19 de maio de 1861 a 16 de fevereiro de 1864; Sinval Odorico de Moura, (1 ano, 2 meses e 3 dias) de 18 de maio de 1864 a 21 de julho de 1865; Venancio José de Oliveira Lisboa, (1 ano, 4 meses e 12 dias) de 12 de junho de 1869 a 23 de outubro de 1870; Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, Barão do Abaí, (2 anos, 6 meses e 23 dias) de 17 de outubro de 1873 a 9 de maio de 1876; Justino Ferreira Carneiro (1 ano, 4 meses e 14 dias) de 20 de outubro de 1880 a 3 de março de 1882; José Ayres do Nascimento, (1 ano, e 23 dias) de 7 de agosto de 1883 a 30 de agosto de 1884; Antonio Herculanô de Sousa Bandeira, (1 ano, 1 mês e 21 dias) de 20 de setembro de 1885 a 19 de novembro de 1886.

Os períodos administrativos acima citados parecem extremamente exiguos a nós habituados com a duração adotada depois da proclamação da Republica, mas, situações com a vigencia de meses e mesmo apenas de alguns dias, eram comuns.

Os governos mais curtos que a Paraíba teve foram os de Antonio José Henrique (2 dias) de 5 a 6 de setembro de 1840; Manuel Clementino Carneiro da Cunha (2 dias) de 15 a 17 de abril de 1860; João José Innocencio Poggi (2 dias) de 17 a 19 de agosto de 1873. Na Republica detem o "record" de pequena extensão o governo do capitão João Claudino de Oliveira Cruz (4 dias), que a 2 de dezembro de 1889 substituiu o coronel Honorato

Candido Ferreira Caldas na chefia do nascente Estado da Paraíba e no dia 5 entregara o poder ao nomeado pela administração central da União.

É comum buscar a causa da inoperancia dos governos republicanos na falta de continuidade, na verdade, não existe tão falada descontinuidade de ação se nós dermos o trabalho de um cotejo entre as duas épocas, a monarchica e a republicana.

Quatro anos de atuação é um espaço de tempo suficiente para se realizar alguma coisa, apenas esse período durou o governo de Delgado de Castilho, o mais fecundo da época colonial e, menos de dois anos, o de Beaurepaire Rohan, que se credenciou para a eterna gratidão dos paraibanos pelas suas realizações.



A NUNCIAM as edições Albin Michel que o "Jean Christophe", de Romain Rolland, "o primeiro "roman-fleuve" da literatura contemporânea", de agora em diante não mais será editado em dez volumes como sempre foi, mas num volume unico em papel Bília, encadernado em couro, ao preço de 3.000 francos. Essas edições compactas, cuja moda começou na Inglaterra e conquistou a França com a Biblioteca da Pléiade, são atualmente o indice mais seguro da definitiva consagração literaria de uma obra e de um escritor.

# ADOLESCENCIA

CONTO DE O. G. REGO DE CARVALHO

MERGULHOU a face adolescente nos travesseiros, mal notou a presença do padraço na aguafurcada. Desde que pegara a pneumonia, evitava falar-lhe, culpando-o da doença. Admirava-o da infância e chegara a estimá-lo, por ser bom e terno. Tendo-o depois como segundo pai, começara a descobrir o seu engano. Valmor lhe parecia um homem egoísta, capaz das maiores loucuras pelo próprio bem-estar; pouco se importava com que outrem viesse a sofrer com isso.

Semanas atrás, desejando ir a cinema, mandara-o ao alfaiate, afim de trocar a cobertura do velho guarda-chuva, pois a antiga estava gasta e rasgada. O dia amanhecera envolto em névoas, e chuviscava no momento em que recebia a ordem:

— Leve-o e traga consertado, recomendara-lhe o padraço, batendo-lhe de leve nas costas. Não se esqueça de vir logo, Renato. — ele acrescentou, enérgico.

Nunca desajou tanto desobedecer como nesse momento. Sentia-se gripado, respirando com dificuldade e muito atormentado com a tosse profunda que o perseguia. De sua relutância poderia, contudo, advir novas sofrimentos para a mãe; o melhor seria mostrar-se mesmo cordato e paciente. Por isso, obrigou-se contra o respingo e se dirigiu ao alfaiate, que não estava muito de casa.

Densas nuvens se formavam, quando lá chegou. Confiando o serviço a um empregado, deixou-se encostar à porta, de onde poderia avistar os relâmpagos clareando o céu, num prenúncio de tempestade. Mais de uma

vez a mãe o advertira contra suas extravagâncias — na manhã, ainda morno o corpo, deitara o pé desnudo no mosaico frio, — eurgia que voltasse.

O medo de adoecer estreitava seu coração; e logo dele ficou presa Renato saiu correndo, quasi desnorreado, tendo porém o cuidado de apertar a camisa na garganta. Acercava-se já de casa, quando a chuva desabou, numa torrente de trovões infernais. Num instante estava molhado, ofegando de cansaço. E ao empurrar a porta da rua, habitualmente encostada, encontrou-a trancada, necessitando de bater violentamente, para que a própria mãe viesse atendê-lo:

— Bem, mamãe, — foi explicando, mal entrava. Tive de sair...

— E não via que estava para chover? — ela interrompeu, possuída de grande contrariedade. Assim termina adoecendo.

— Mas, éle me mandou, defendeu-se Renato, fitando-a nos olhos. A senhora, bem sabe como são os desejos dele.

Compreendendo as segundas intenções da resposta, Isaura procurou parecer inalterável. Desde alguns dias vinha notando que o filho não gostava do padraço tanto quanto supunha, e agora tentava culpá-lo de ter recebido chuva, estando gripado:

— Está bem, disse ela após morder os lábios. Vá para o quarto e mude de roupa. Mais tarde aparecerei.

Retirou-se, seguido a pouca distância da mãe. Estava excitado com o

que pudesse acontecer, e ao subir as escadas que o levariam à sua aguafurcada, pareceu-lhe ouvir o padraço indagar pelo guarda-chuva. Parou um momento, escutando. A mãe respondia que não, trouxera ainda; deixasse estar que ela mesmo iria buscar à tarde. Como o espôso se irritasse e inquirisse por éle, acrescentou que tinha ido deitar-se: talvez até pegasse uma pneumonia.

Por instante Renato esteve parado com a mão segura ao corrimão, e entregue a um vago desvanecimento. Ultimamente, não era raro ficar angustiado, por razões que desconhecia. Mas o cansaço e a sensação desagradável do pano molhado aderindo à pele terminaram por afastá-lo



DESENHO DE HERMANO JOSE

do aborimento que dele se apossou.

Depois de ter vencido os últimos degraus e trocado de roupa, atirou-se á cama, sem ânimo de lutar a tempestade através da vidraça. Queria pensar em Luiza sentada perto de si, num banco da praça. Há dias não a avistava, e como nas demais ocasiões em que a sentia ao lado, abstraía-se quase inteiramente do mundo que os rodeava — as meninas brincando de ciranda, cirandinha, vamos cirandar, — e levar as horas mirando-a. Restinha na lembrança o castanho claro de seus olhos, quando estes foram-se apagando de mansinho, e ele adormeceu, para só acordar alta noite, com o peito abrasando e dolorido.

O pressentimento da morte tomou conta de si, então. Apavorado, via-se deitado numa eça, a face pálida coberta de um lenço. E de repente Luiza se aproximava, olhando-o em silêncio, arrependida de não ter-lhe confessado em vida o amor que lhe devotava. Durante alguns minutos permaneceu hirto, tentando desviar do pensamento a visão do próprio funeral. E foi preciso perceber passos ao redor, para que se animasse a erguer as pálpebras, até o instante cerradas.

— Está com febre desde a manhã, dizia a mãe para um senhor de óculos, que o observava paternalmente. Sente-se doente, — ela oferecia uma cadeira minutos depois, aproximando do leito o lampião de querosene.

O médico atendeu o convite, examinando o doente atentamente, para logo mais terminar o diagnóstico.

— Um começo de pneumonia, falou, brando. Com algumas doses de penicilina e absoluto repouso estará curado. Acho conveniente começar o tratamento de hoje.

Retirando-se o clínico,

Renato ficou a sós com a mãe, procurando adormecer. A cabeça doía lateando-o, e havia cousas confusas na lembrança. Mas aos poucos ia cochilando, e dormitou até que, já madrugada, a enfermeira veio aplicar as injeções. Após a primeira dose a luz da bibiana — a cidade não tinha energia, essa noite, sucederam-se outras, com sucessivas melhoras.

Durante as semanas em que permaneceu deitado, Isaura não o deixara muito tempo, a não

ser para cuidar das obrigações domésticas. O padraço, contudo, apenas o vistora duas vezes, a primeira para saber simplesmente como passava.

Renato recordava-se claramente de que não lhe dera a menor atenção, continuando a fitar através da janela aberta, a manhã chuvosa e fria. Valmor se retirara magoadado, — a mãe lhe dissera mais tarde, — e isso o atordoara. Desajava ter forças para odiá-lo e também esmagar do

coração a estima que ali se enraizara ainda na infância.

Naquele momento até pensara que jamais voltasse. No entanto errara. O rosto mergulhado nos travesseiros, sentia-o agora a seu lado, na aguda fúria da. Tinha uma ânsia louca de confessar que não lhe devotava aversão alguma, e seu desprezo, dias passados, fora motivado pelo mundo de incertezas, apreensões e desconfianças em que vivia, na adolescência. Na verdade até doía vê-lo humilhar-se diante dele, pedindo desculpas num olhar sómente, se não ousava fazê-lo em palavras.

Levado por um sentimento que partia da alma, virou-se repentinamente, encontrando o padraço com ansiedade. Valmor olhava-o ternamente, e seus olhos refletiam funda inquietação:

— Renato, éle balbuciou, transido de vergonha, sente-se melhor? — Mordeu as unhas, para em seguida sorrir ganhado. — Olhe, a Luiza passou para vê-lo. Mandou-o entrar?

Assentiu com um movimento da cabeça, esboçando longo gesto de contentamento. A porta que os conduzia a uma mútua compreensão, durante algum tempo fechada, se abriu num sópro. Tanto Valmor como éle próprio estampavam essa convicção na maneira com que se olhavam.

Enquanto abotoava o pijama no peito, pois fazia calor essa tarde, o padraço desceu as escadas quase correndo e assoviando como um moleque. Instantes após Luiza chegava, morena e desejada, antepondo-se mesmo aos cumprimentos, inquiria:

— Quê viu teu pai, Renato? Parece do contentado!

Contemplando as mãos da namorada, — lindas

(Conclui na pag. 15)

## “ C U L T U R A ”

Está em circulação o segundo número de CULTURA, a magnífica revista editada pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde e orientada, com tanta segurança, por José Simeão Leal. O presente número de CULTURA reafirma a inteligência e o bom gosto do seu dirigente. E é algo de notável em nossos meios culturais.

Em primeira mão, publicamos, hoje, o sumário do número 3 dessa importante revista a circular no próximo mês de dezembro:

ARTE — Composições de Lorenzo Fernández — Eurico Nogueira França; Conceito e Metodologia das Artes Populares — Mário Barata.

CIÊNCIA — Aspectos da Vida Tribal dos Índios Fulni-ô — Max H. Boudin; Estado Atual dos Métodos de Exame Experimental da Personalidade — E. Mira y Lopez.

HISTORIA — Oliveira Martins, Ensaísta Político — Monhoz da Rocha Neto; Um Brasileiro Adotivo — Otávio Tarquínio de Souza.

LITERATURA — A Torre — Otto Maria Carpeaux; Essência Humana de Cesar Vallejo — Sebastian Salazar Bondy; Joaquim Nabuco — Homem do Litoral — Newton Freitas; O Hamlet de Antonio Nobre — Josué Montello.

DOCUMENTÁRIO — Romance, Novela e Conto no Brasil — Francisco de Assis Barbosa.

RESENHA — Di Cavalcanti — Murilo Mendes; Ezra Pound — T. S. Eliot — (Trad. de Edson Regis); Os Dois Polos da Carticatura Inglesa — Ernest Chesneau — (Trad. de Herman Lima).

BIBLIOGRAFIA — Acontecimento do Soneto — Reymundo Souza Dantas; Arquivo Folclórico — Renato Almeida; Challenge To Musical Tradition — Luis Cosme; História da Literatura Brasileira — Carlos Castello Branco; Iapagipe — Rubem Braga; Joaquim da Babilônia — Otto Maria Carpeaux; Le Probleme Spirituel de la Beauté et de la Laidur — Willy Lewy; Manual de Classificação e Catalogação de Discos Musicais — Antonio Caetano Dias; O Deserto e os Números — Jarbas Duarte; Obras Completas de José Lino do Régio — Newton de Freitas; Pierre Ducassé — L. A. Costa Pinto; Poemas de Joaquim Cordeiro — Jorge de Lima; Raison et Raison — Luis Santa Cruz; Selbstkritik der Philosophie und Vergleichende Philosophiegeschichte in Umriss — Pe. E. Silva de Castro.

VARIA — Letras Colombianas — Mario Mendes Campos; O Salão de 1948 — Antonio Bento; Primeiro Encontro com Antonio Machado — Rafael Alberti; Considerações sobre a Filosofia Contemporânea — Maria Conceição.

# UMA VERTENTE DA LITERATURA

NEY GUIMARÃES

COM certa frequência se ouve dizer que a crônica é apenas um trabalho de circunstância. O seu valor não tem muita expressão e dura um instante. É possível que se possa assim manifestar quanto ao trabalho de muitos cronistas que, evidentemente, só conseguem comunicar-se com o povo de uma forma toda protocolar, sem que as suas palavras transmitam o mínimo traço de simpatia, sem que signifiquem senão palavras. Mas um Rubem Braga, por exemplo, em sua espontaneidade, em sua simplicidade, sabe como escrever ao homem da rua e tem sempre presente a maneira como conduzir o assunto para interessar a todos. As suas crônicas, por isso, estão vivas, as de ontem como as de hoje. E há mesmo muitas crônicas que permanecerão, porque em suas poucas linhas traduzem muito, envolvendo significação, exprimindo a vida em toda a sua realidade.

Um fato comum, mas expressivo pelos particulares de que se cerca, como a chegada da chuva após um longo período de dias quentes; um livro cuja leitura nos transmita a essência de conhecimentos; um filme com alta feição artística, que nos emocione pelo seu conteúdo, tocando a nossa sensibilidade; todas as manifestações da vida que possam encontrar repercussão no povo, os anseios deste mesmo povo, suas necessidades, seus problemas e satisfações, inquietudes, mágoas e alegrias, seus motivos de contentamento, são aspectos vivos e palpantes de que se serve de preferência o cronista.

Mas não é suficiente

ocupar-se do assunto. É preciso saber conversar com o povo, procurar conhecer-lhe o sentimento, transmitir-lhe um pouco de alegria e poesia. Há necessidade de não ser extenso e de não usar uma linguagem incompreensível para esse povo simples e bom, bastante preocupado com difíceis problemas impostos pelo custo da vida para se ocupar com palavras estranhas ao seu singelo vocabulário cotidiano.

Um cronista da força de Rubem Braga, o mais comunicativo que se conhece em nosso país e cujos sentimentos se identificam perfeitamente com os do homem da rua, tira das coisas mais simples, para dar ao povo, exemplos, estudos, lições e ensinamentos tratando os motivos em linguagem que todos entendem e que vai ao coração dos bons. Suas crônicas saborosas sempre se referem com elevação, com entusiasmo, com sinceridade, de um modo

comovente, à fraternidade humana.

Outros cronistas de merecimento, como Alvaro Moreyra — doce Alvaro Moreyra —, Brasil Gerson, Rivadavia de Souza, Ledo Ivo, Genolino Amado, Henrique Pongetti, Vivaldo Coaracy, Afonso Schmidt e a sra. Raquel de Queiroz também tratam de assuntos que falam diretamente ao povo. Mas acontece que nem sempre a linguagem que usam é compreendida. Por esse motivo, apesar de se mostrarem com todos os aspectos humanos, ficam ligeiramente prejudicadas algumas das suas crônicas.

Em seus comentários ligeiros, como o trabalho exige, descem todos às profundidades humanas, parecendo autênticos cientistas, alinham com serenidade os acontecimentos e defendem com valor e conhecimento as suas conclusões. Estão sempre com os olhos e o pensamento voltado para o sentido das

reformas sociais porque têm a exata compreensão das aspirações que animam e conduzem os homens e das alterações necessárias que o momento impõe, em vista do desequilíbrio econômico existente.

Todos conhecem o Jorge Amado romancista, em cuja obra, apontada como das mais importantes da nossa literatura nos dias que correm, se distingue, em paralelo com a força humana, a expressão lírica. O Jorge Amado articulista, se bem não desagrade, não encanta; é um tanto áspero. E quanto ao Jorge Amado cronista, é admirável a sua força nesse caminho literário que tanto fala ao povo. Mas ele se encerra em símbolos, muita vez, e o povo, ao ler as suas crônicas, fica sem poder compreendê-lo.

Nem sempre um bom romancista é um bom cronista. É o caso de José Lins do Rego, o celebrado autor do ciclo da cana de açúcar e de "Fogo morto". Suas crônicas não possuem a força necessária para indicar o vigoroso romancista que é. Já o contrário se nota com a sra. Lúcia Miguel Pereira. Excelente romancista, autora de esplêndido estudo biográfico sobre Machado de Assis, é também uma cronista de muitos méritos.

Há caracteres humanos, ricos de sentido, nas crônicas delicadas, manifestando, acima de tudo, uma bondade enorme, que se quer dar a todos os instantes, em todas as circunstâncias, de Alvaro Moreyra. Sente-se, intensa, irradiante, através das crônicas de Carlos Drummond de Andrade, poeta admirável que podemos colocar ao lado da gente de qua-

## R U R A L

PAULO MENDES CAMPOS

*No virginal lençol de margaridas*

*O vento oficiava a poesia,*

*Encanto do menino que tangia*

*Os bois para as colinas coloridas.*

*Junto às devesas, rosas comovidas*

*Provocavam a minha hipocondria*

*Sem perturbar porém a cortesia*

*Que esconde meus silêncios homicidas.*

*O campo se revela e se mascara*

*Da mágoas que o menino não entende*

*Que os bois entendem mas não dizem nada.*

*Sílio? Menino? Ele adivinha. Para.*

*E a flauta de bambú na tarde acende*

*O sentimento antigo de uma estrada.*

lidade como Federico Garcia Lorca, Walt Whitman, Antonio Machado e Pablo Neruda, a compreensão justa que têm dos homens. E existe ironia vibrante, que jorra forte e atinge todos os alvos para onde se dirige em seus ataques aos inimigos do povo, nas crônicas mordazes de Aparício Torelly, o conhecidíssimo Barão de Itararé. Mas Alvaro Moreyra, Carlos Drummond de Andrade e Aparício Torelly se perdem em algumas ocasiões, os dois primeiros na poesia, porque tudo o que eles escrevem está fortemente impregnado de poesia, e o terceiro em imagens que se confundem, que nos deixam inquietos á

procura da sua interpretação.

O que é preciso destacar em todos eles é o cuidado especial e sincero que lhes merece o homem da rua. E todos, Rubem Braga e Galeão Coutinho; Alvaro Moreyra e Raimundo Magalhães Jr.; Genolino Amado e Rivadavia de Souza, Guilherme de Figueiredo e a srta. Raquel de Queiroz; Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Afonso Schmidt e Henrique Pongetti; como também o grande Mário de Andrade — que de tudo se ocupou no trato envolvente e cheio de encantos com a literatura, e que por isso não deixaria de apresentar as suas qualidades como cronista (e deixou

crônicas do mais alto sentido) —, têm bem presente o homem da rua, no cotidiano, nas suas atividades, nas suas distrações, nas suas alegrias, nas suas decepções e nas suas opressões. Todos sabem dos problemas de cada dia, de cada hora, de cada instante, de cada situação que atropelam o homem da rua. Todos acompanham os acontecimentos de toda sorte que assaltam e amarguram o homem da rua e o embarçam a cada momento. Seus vícios, suas manias, suas manifestações de protesto, suas surpresas e preferências, suas aprovações e idiossincrasias, cronistas como Rubem Braga, R. Magalhães Jr. e Joel

Silveira conhecem e justificam, porque os compreende como um amigo, como um irmão. E com o homem da rua o cronista está sob a chuva e sob o sol, sente o frio e o calor, anda numa verdadeira rodaviva durante toda a semana, e ao seu lado caminha durante meses e anos.

Da gente que escreve é o cronista o que mais de perto se comunica com o povo e também o que mais dele se aproxima. Justamente por esse motivo a popularidade que cerca alguns cronistas, em particular Rubem Braga, Galeão Coutinho, embora sempre escondido sob um pseudônimo, e R. Magalhães Jr.

## Caminho para um Novo Humanismo

RAYMUNDO SOUZA DANTAS

VISTO como forma de conhecimento, o tema constituído pelo «amor» talvez seja o mais consequente, para aqueles que desejam contribuir na cura dos males de nossa época. Se, porém, não está em falência, perdeu o seu verdadeiro sentido. Tomando o seu lugar, sucedendo-o nas manifestações do gênero humano, vieram o desespero e a negação para o primeiro plano. Como que foram anulados todos os meios de conhecimento, tanto dos fenômenos, como dos seres, ficando o homem desta geração terrivelmente precoce sem os recursos para desempenhar a sua tarefa. O único caminho aberto, a porta que enxergou, foi a do desespero do introvertido, do monólogo que não conduz a nada, nem mesmo à revolta. Quando não é essa tendência do introvertido, do doente, é a atitude do que procura um meio de fuga pelo completo anulamento de suas possibilidades. Vivemos a nos esgotar, definhando não porque peçam muito de nós, mas porque não sabemos medir as nossas forças. É por isso, talvez, que anulamos as nossas possibilidades, desprezando inclusive por omissão os remédios

para os males dos quais nos tornamos vítimas.

Nossa geração como que esqueceu que tudo deve ser pôsto em foco. Tem medo de certos temas, de determinados assuntos, e o «amor» é um deles. Tudo por que? Por falta de fé possivelmente. Gide, numa certa conferência, feita em Bruxelas, se dirigia aos jovens mostrando como a falta de fé desorienta. O velho goetheano parecia haver descoberto o nosso mal maior e mais agudo: a falta de fé. O mal porém não está generalizado, pois existem os anônimos, de que na mesma conferência falou Gide, e pelos quais o mundo será salvo e reconstruído. Muito poucos, é verdade, e assim mesmos anônimos, têm fé por qualquer coisa. Fé e amor.

Um jovem francês bacharelado entre muitos outros, indagava há meses o que seria do homem se não voltasse a acreditar no «amor» de forma a anular a sua paixão pela morte. Na verdade seria apenas viver esperando o fim, o fim que significaria uma evasão para a sua existência sem qualquer finalidade. Para o jovem francês, o «amor» constitui uma força criadora, e, por con-

seguinte, um elemento dinâmico. Ele, porém como disse acima, se não está em falência, cedeu lugar a manifestações do gênero humano, como o desespero e o niilismo. As nossas tendências, quase todas, têm como ponto de partida aquelas duas fontes de elementos negativos, sem dar oportunidades nem sequer à esperança. A cada passo tropeçamos com toda espécie de documentário que, examinados mais a fundo, deixam-nos num estado de espírito mais desanimador. Nada se encontra nêles que signifique um esforço pela defesa da humanidade do homem, e por mostrar que a sua capacidade de amor não está inteiramente falida.

A indagação do jovem francês, o qual transformou-a em assunto para a sua tese de bacharelato, implica numa crítica arrasadora a todas as concepções filosóficas em voga. Crítica no ponto em que elas são exclusivamente curiosidade em face do homem, pois curiosidade não significa conhecimento. Enquanto a curiosidade leva à descoberta do fenômeno, o conhecimento equivale a uma união estreita com aquilo que se ama e em que, por conseguinte se tem fé. Registra-

se, aí, uma assimilação total do ser amado, ou da pessoa ou coisa em que a nossa fé está depositada. Para concluir se o homem é ainda capaz ou não deste «amor», ou melhor, deste comportamento, tornar-se-ia necessário fazer o mesmo que fez Camus através do «Mythe de Sisyphe» para provar ser possível sustentar uma filosofia da felicidade, apesar de todo o absurdo que o autor de «La Peste» empresta a este mundo. «Sommes-nous capables d'aimer»? Sim, é preciso que o sejamos, para assim compreendermos melhor o homem comprometido com a vida, sem necessidades de evasões.

Como diz porém o jovem Robert Garrabos, «il faut que L'amour soit fort. Il faut qu'il soit un amour dans le genre de celui dont parle Lavelle, lorsqu'il dit: «Celui qui aime la vie ne craint pas la mort, car il a de la vie une possession si parfait qu'il se sent capable de l'emmener jusque dans les étoiles». Tão forte digo eu, que através dele alcançamos aquela felicidade na base da qual Camus constrói um novo humanismo.

# LIGEIREZAS CULPAVEIS ?

ROBERT KEMP

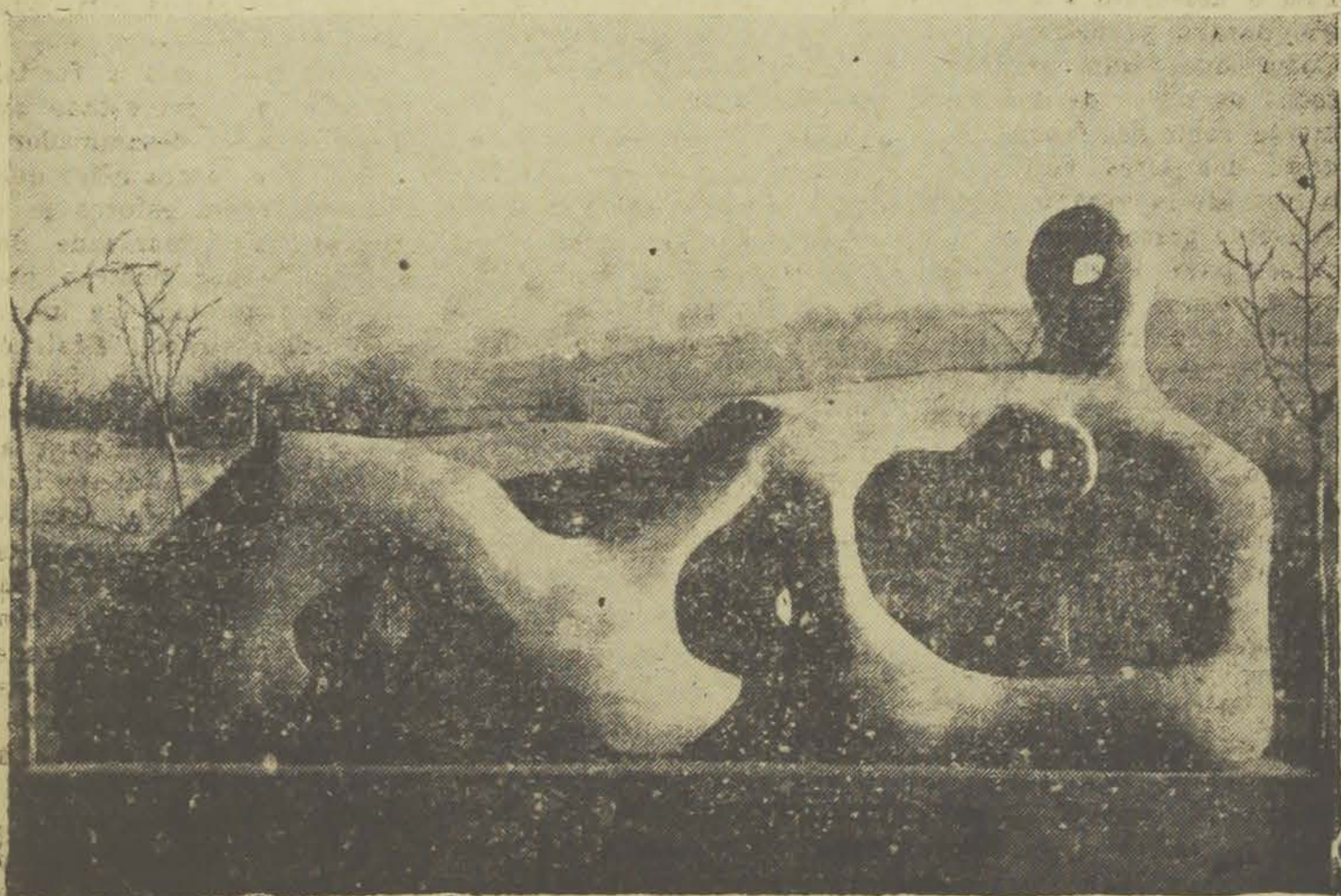
AINDA não há mais de três anos, as colunas, a que durante muito tempo se chamou "colunas Morris" e onde figuraram os cartazes dos teatros de Paris, parecia correrem o risco de explodir sob a carga das ideologias existencialistas, reivindicadoras e as cóleras atômicas... Atualmente os torpedos transformaram-se em pedras de açúcar e não anunciam senão alegrias ligeiras; e dir-se-ia que voltamos aos tempos das adúlteras brejeiras, das sugestões apimentadas. *La petite hutte* e *Nina*, de André Roussin, os *Héritiers Bouchard*, de Max Rignier, *Sincèrement*, de Michel Duran, voltam ao velho teatro da mulher entre dois homens, um dos quais é o marido, o outro um enamorado satisfeito, ou pelo menos candidato... Perante o qual, embora aplaudindo as boas saídas, às vezes dignas de um Alexandre Bisson e mesmo de um Georges Feydeau — pois que a farça é às vezes boa —, um crítico eminente, que é também um dramaturgo filósofo, é um grande filósofo simplesmente, o meu querido amigo Gabriel Marcel, solta um grito de indignação. Foi *Sincèrement* que lhe arrancou estas palavras: "Tais espetáculos, destinados visivelmente a gozadores incapazes de pensar, em nada e de nada, compreender do drama, do mesmo tempo, facilmente por convenção ao comunismo..." Por que? Simplesmente, porque, no palco dos Capucines — esse mesmo teatro, onde Eduardo VII, quando não era mais do que o príncipe de Galles, tantas vezes vinha aliviar-se da austeridade "victoriana" a que o condenavam, no solo natal, do amor e do

respeito que consagrava à mãe e às ideais que esta impunha à literatura e ao Império — uma jovem, muito nova ainda, recebe nos lábios um beijo que a perturba. Basta isso para que adotemos o materialismo histórico aniquilemos a burguesia, substituamos o humor francês pela dialética hegeliana?... O certo é que devemos mudar um pouco de alma, de olhos e de ouvidos, e graduar nossas exigências, quando se anda, como nós, de teatro em teatro... Capucines, Variétés, Bouffes-Parisiens... Essas pequeninas casas têm suas pequeninas tradições, entre as quais, a mais essencial é prosseguir-se Crébillon, Vivanti-Denon Labiche, e seus sucessores um tanto degenerados de antes de 1914, os Hennéquin, os Caillavet, os François Croisset, cujas heroínas não eram santas e ainda menos resistentes... Há, decerto, alguns "gozadores" que não pensam em

nada, nem mesmo na guerra de ontem, nem nas rivalidades das nações gigantes, nem nas aviações de bombardeamento, nem na extensão do cancro, nem nas dificuldades econômicas, nem no peso dos impostos... Mas não para encher durante uma semana a sala dos Capucines. Os outros, os sérios, os verdadeiramente humanos, os que nós estimamos, Gabriel Marcel e seus colegas, vão às vezes ao teatro para esquecer um pouco o que eles não ignoram... É uma terapêutica, uma higiene, essas peças ligeiras como uma borla de pós de arroz, e não faz mal que as mulheres sejam doces... Ligeiras como vozes de criança, e é preciso que as crianças cantem, mesmo que sejam coisas fúteis, contanto que o ar seja vivo e fresco... "Os velhos necessitam de beijar a fronte de u'a mulher ou as faces de uma criança para crerem ainda na doçura da vida e esque-

cerem as ameaças da morte..." Faço esta citação de memória... Mas é isso que nos faz olhar com certa indulgência as peças ligeiras. Farão um pouco de bem mesmo fora das fronteiras, onde servirão os mesmos fins que aqui: devolver-nos um pouco daquela trivialidade que julgávamos para sempre perdida...

Durante os dois primeiros atos de *Sincèrement*, vê-se desenhar o caracter de u'a mulher que tem a fraqueza como um dever... Seu marido e ela nada se ocultam. Ela revelou-lhe mesmo uma aventura de adolescência que a perturbou e confessa mesmo essa perturbação. Um rapaz forte salta de uma canoa no mar, onde ela estava em riscos de se afogar. Arrastou-a, meio inconsciente, para a areia. A praia estava deserta. Sentiu os lábios dele roçarem os seus... O desconhecido desapareceu. Ela esperou-o muito tempo... E ainda so-



HENRY MORRIS — FIGURA RECLINADA

nha nêle... O marido tem raros sentimentos de lealdade. Mas essa lealdade é uma mentira. Nunca a gentil esposa esteve em riscos de se afogar, e ninguém arriscou a vida por ela... O sonho é um alimento do espírito; sem sonho, não haveria muita coisa numa cabeça... Pelo menos, numa cabeça de uma mulher de sociedade. A mentira é descoberta quando um amigo do marido, um pintor atarracado, sem escrúpulos, e cético quanto à sinceridade da dama, procura, para melhor a seduzir, utilizar as confidências do marido, fazendo-se passar pelo misterioso salvador... Quando se trata de pagar uma dívida ilusória, de recompensar um falso herói, a brava senhora revolta-se; e a verdade autêntica sai, finalmente, de seus lábios... Não é genial. Isso não resolve o antagonismo do ser

e do nada, nem o do falso e o do verdadeiro, de que, dois séculos mais ou menos antes de Sócrates, já se preocupava Lao Tsen... Mas é moral; e muito belamente dialogado. Citando a tal propósito Marivaux e Musset, alguns mea culpa... E pensa-se decerto, no pequenino Marivaux, no das Sincères ou da Femme Fidèle e não em l'Epreuve nem no Jeu de l'Amour; e no Musset de l'Ane et le Russeau e de On se sau-raît penser à tout, e não no de Fantasia, dos Caprices de Marienne e de outras maravilhas.

Quanto aos Héritiers Bouchard, que o mesmo juiz severo absolve e até felicita, mas que outros críticos esmagaram, é um dos melhores vaudivilles que se tem visto há muitos anos, há vinte, talvez! Os herdeiros de um tio da América, que já mais se viram, não tocarem os milhares de

dolares senão depois de terem passado um ano juntos, num palacete do falecido Bouchard, em Paris. Sós, mesmo sem criados. As querelas que se travam são os borados frescos de uma trama venerável. Ouvem-se as reflexões barrocas de uma jovem sobre o marido de hoje e o de ontem, de que ela se divorciou, sem o detestiar... A graça é estufante. E, entre outras invenções, a de uma fábrica de notas falsas de mil francos, que essa gente, quase honesta, seca como a roupa em cordas, na salão, e passa entre os negociantes, é de um cômico excelente, condimentado de sátira...

Nina não conta. É uma loucura demasiado louca, demasiado arbitrária; um pouco laboriosa, mas com alguns trechos excelentes... Há mesmo um *complet* sobre a liberdade, de que os homens

andam ávidos, e que não consegue substituir a mulher alegre, autoritária, hábil em animar os doentes um tanto pretenciosos, e essa irrupção idiológica é bem útil... Mas quando o marido e o amante, um constipado, o outro atropelado por um automóvel se estendem na mesma cama sob o olhar enternecido, maternal, de Nina, quem poderá conter as gargalhadas?

A peça foi escrita para uma atriz, Elvira Popesco, milagre de alegria, de estufante vivacidade, de clareza vocal, que tem o mais belo sorriso do mundo. A peça, é certo, não sobreviverá à sua intérprete... Mas por que matar as coisas efêmeras? o tempo encarega-se disso...

Assim, um pouco de alegria tem a renascer em Paris. O problema consiste em saber se será bom sinal.

## Poemas de CLOVIS MOURA

### CANÇÃO

*Procuro no mar  
teus olhos pesados  
de paisagens e símbolos:  
o vento dissipa.*

*O desejo vago.*

*Procuro no mar  
uns lábios passados  
em sarsas e luas.*

*O vago desejo  
me fere a retina.  
Curvas ondas passam  
como ninfas loucas.*

*Me fere a retina  
a promessa estalada  
e a flácida divisa  
perdida no mundo.*

*Na cor dos cabelos.  
Na linha do busto.*

*Extranho perfil.*

*Não passam no mar  
os peixes de fósforo.  
A fumaça estranha  
fere meus passos.*

*O vento não leve  
meus passos: dissipe.*

### OLHOS NA NOITE CONTIGO

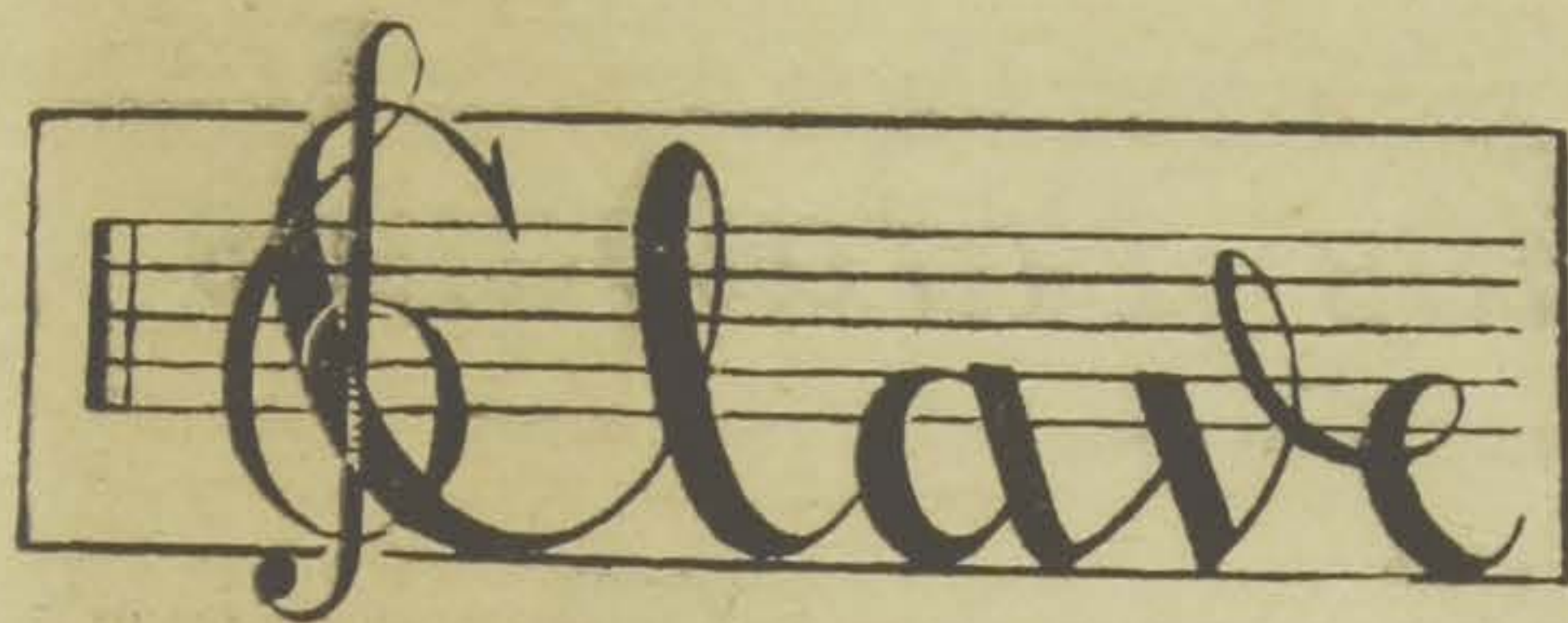
*Ando, Estrela, me arremesso  
pela terra furo os dedos:  
vejo punhais rebrilhando  
sem pejo, sem luz, sem dó.*

*Contigo deito e amanheço,  
sonho com teus olhos glaucos,  
vejo teus braços morenos  
no abraço de um mundo só.*

*A noite de cinco pontas  
se derrama em cores frias:  
na hora do amanhecer  
o gelo será de fogo.*

*Estrela:  
contigo na noite arquejo  
e sinto o som grosso  
dos teus cabelos arrastados  
nas pedras.*

*Não importa, contudo!*



## Violão e Modinha

JOÃO DA VEIGA CABRAL

**R**ENATO ALMEIDA mandou imprimir o desenho de um violão na capa da sua magnífica HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA. E assim fazendo iniciou o seu livro notável com um símbolo. Um símbolo que diz tanto da música do Brasil como guitarra dos portugueses como a lira é a imagem musical da Grécia Antiga assim como o berreiro rítmico de uma jazz-band identifica aos ouvidos do mundo esse barulho organizada que é a civilização da Norte América contemporânea.

O violão, tocado ao nosso modo, é a bandeira sonora do Brasil.

O som que sai das suas cordas é mesmo verde e amarelo. E tem azul no meio, com faixa com estrelas e com tudo. E não vá ninguém pensar que ele é assim porque nasceu e se criou no Brasil. Nasceu e se criou coisa nenhuma. Já ele — com o nome de guitarra — era um grande de Espanha quando as caravelas portuguesas encalharam, casualmente, nas praias de Vera-Cruz. Trouxeram-no os portugueses para cá, se bem que preferissem a sua guitarra nacional, seu parente legítimo, porém dele bem diferente, em construção e sonoridade.

As raças que para aqui vieram se agarraram com ele e nunca mais o largaram. E a proporção que oprimam

as influências do solo, do clima, do ambiente e se abasileiravam, iam-no abasileiravam também. Quando ele estava falando direitinho a giria musical da terra deram-lhe o apelido safo de "pinho". E com ele nos braços saíram, por todas as esquinas de todas as cidades, todos os poetas, todos os trovadores, todos os amorosos, todos os que sofriam de saudades e de amor sem esperanças, a cantar os seus desejos e as suas máguas, colaborando, sem saber, na fundação da Música de uma Patria nascente.

X

Não possuímos nenhum elemento seguro pelo qual nos seja lícito indicar a época em que o violão fez a sua aparição aqui pela matoca Tabajara. O que podemos afirmar é que, pelos fins do Século passado e começo do atual, o "pinho" já tinha pegado bem do Sanhaú às laideiras da Borborema. Pelo menos nesta cidade do Paraíba, começou o bichinho a andar nas mãos dos seresteiros, fazendo gente pacatíssima pular da cama às duas horas da madrugada e pondo fora de compasso as batidas de muitos corações.

Por esse tempo, a modinha andava na ponta, bancando o "lied" nacional brasileiro. Vieram também da Europa, na bagagem sentimental do luso. Mas aqui ficou bem

outra, mudou de feição. Cassaram-na com o "pinho" e nunca se viu um casório tão feliz. Parecia que um adivinhava o pensamento do outro.

Com tudo que era gente moça do País inteiro, a mocidade paraibana tomou-se de paixão pela boa carraspana musical, que se integrava na seguinte fórmula: Luar violão, modinha e... um pouco de aguardente para inspirar, espalhar o sangue e evitar os resfriados. Para terminar lá pela madrugada, um bom picado de porco fazia parte obrigatória do programa. Aconteceu que o lirismo praticado assim a andar pela trilha da noite, dá uma fome de matar... E a gostosa serenata tornou-se uma verdadeira "cachaca" de mais de uma geração. Com tais excessos a praticavam alguns rapazes da época, que alguns foram mesmo por ela vitimados. O jornalista Arthur Aquiles perdeu um filho muito moço ainda, diz a gente do tempo, em consequência das muito extremadas práticas seresteiras.

Outros moços, porém, muitos outros faziam as suas serenatas dentro das normas de uma sã, dia e prudente moderação. Ainda os temos, a vários deles, entre nós sofrendo tão somente do mal de uma saudade incurável. João de Porciuncula Manoel, Marinho Falcão, José Lisboa, podem dar testemunho bem bom sobre o assunto. Foram esses, no esplendor da modinha excelente, violonistas cantores, como ainda hoje demonstram quando casualmente agarram um pinho bem afinado. Não esqueçamos, também, o Nô Monteiro (Luiz das Neves), esse seresteiro teimoso que ainda hoje acredita em serenatas. Nem ao Nelson Serrão

um bicho bom nas valsinhas de esquina.

Otávio Sá Leitão e José Firmino já se foram para sempre, levando nas almas simples e boas as canções com que enterneceram tantas noites, a cidade.

A modinha — forma de composição — também morreu, por já tiver cumprido a sua missão dentro da nossa evolução musical. O que havia nela de verdadeira, mente brasileiro — constâncias melódicas, harmônicas, psicológicas — integrou-se nas novas formas em que se afirma hoje a musicalidade brasileira.

O violão ficou, porque tinha capacidade para representar os tempos novos que surgiam. Enviuvando da modinha, parece, que ele ainda mais se achegou à alma brasileira.

Na Paraíba, salvo o da derrocada seresteira, um bárbaro com alma de poeta e dedos de clavicinista do Século XVIII. Foi Milton Dantas, de quem falaremos breve, mais a vagar.

RAMALHO ORTIGÃO  
DEFINIDO POR  
JUNQUEIRO

**R**AMALHO Ortigão definido por Guerra Junqueiro:

— Um pinheiro com uma melancia em cima.

ADOLESCENCIA

(concl. da pág. 10)

mãos, pensaria noutra ocasião, — ri com ares de grande mistério, evitando responder-lhe. E como Luiza insistisse com a interrogação na face, explicou que aquilo era um segredo que apenas os dois conheciam.

Terezina — 1949

# Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

RAUL MACHADO

1891

**R**AUL Campêlo Machado nasceu no dia 7 de abril de 1891, no município de Taperoá, sendo filho de João Machado da Silva e Julia Campêlo Machado. Fez as primeiras letras na escola pública local e o curso secundário no Liceu Paraibano. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1919, na Faculdade Livre de Direito do Distrito Federal. Iniciou sua vida pública como oficial de gabinete na Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas; secretário geral da Comissão Organizadora do Estatuto dos Funcionários Públicos, no governo Epitácio Pessoa; promotor da Justiça Militar; auditor de Guerra; Ministro do Conselho Superior da Justiça Militar, depois, Ministro do Tribunal de Segurança Nacional e, atualmente, exerce, as funções de Ministro Corregedor da Justiça Militar. É sócio efetivo de várias associações culturais como sejam: Federação das Academias de Letras do Brasil, PEN Clube do Brasil, Sociedade dos Homens de Letras, Instituto Brasileiro de Cultura, Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, Sociedade de Homens de Letras da França, etc.

Publicou: "Cristais e Bronzes" — Imprensa Oficial da Paraíba — 1909; "Água de Castalia" — 1919; "Asas Aflitas" — Imprensa Oficial da Paraíba — 1924; "Pássaro Morto" — Tip. America — Rio — 1933, premiado pela Academia Brasileira de Letras; "Poesias" — Distrib. Livraria Odeon — Rio — 1936; "A Lâmpada Azul do sonho..." — Rio — 1947. Todos de versos. E vários dos seus poemas tem sido traduzidos para o francês, italiano e espanhol.

Como prosador tem, Raul Machado, publicado várias obras especialmente no campo do Direito.

## LAGRIMAS DE CERA

Quando Estela morreu choravam tanto!  
Chuvia tanto nessa madrugada!  
— Era o pranto dos seus, casado ao pranto  
Da natureza-mãe desventurada.

Ninguém podia ver-lhe o rosto santo,  
A fronte nua, a palpebra cerrada,  
Que não sentisse, logo, em cada canto  
Dos olhos, uma lagrima engastada!

Ah!... não crêdes, bem sei, porque não vistes!  
Mas, quando ela morreu, chorava tudo!  
Até dois cirios, languídos e tristes,

Acendidos á sua cabeceira,  
Iam chorando, no seu pranto mudo,  
Um rosário de lágrimas de cera!

## NA PRAIA

Só do acerbo pungir desta saudade cheio,  
Sem ti, sem teu sorriso ameno, de luar,  
Sinto uma ansia infinita, um infinito anseio,  
Um desejo incontido e amargo de chorar!

E na febre de vêrte e apertarte ao meu sio,  
Muitas vezes, até, me surges, ao olhar,  
Como Venus surgiu, toda nua, no meio  
Das espumas em flôr da água verde do mar!

Bem vês: — Não posso mais! Esta ausência me  
[cansa!

E' minh'alma a chorar, quem, de joelhos, te o diz!  
Vém! não tardes em vir! apressa o passo! avança,

Vem povoar, com teu riso, os meus dias desertos,  
E deixar-me sonhar um momento, feliz,  
Na alva cruz de marfim dos teus braços abertos!

## NO VERÃO

Apoteosa ao verão das cigarros o bando,  
O ar asfixia; a terra esquentar; o sol abrasa.  
O mar é uma turquesa esplendida, queimando...  
E o céu límpido tem transparencias de goza.

Cançada, o bico aberto, e mal sustentando-se á asa,  
Corta uma ave emigrante o espaço, a quando e  
[quando.

— E' oiro o monte... oiro o campo... oiro o rio...  
[oiro em brasa:

— A alquimia da luz tudo em oiro tornando!

Verão! — Estes de amor da Natureza calma!  
Cerramentos de olhar... languido de luxúria!  
Intolência sensual de meio-dia n'alma!

Verão — A Terra inteira a esuar entre esplendores!  
E o Sol beijando-a; e o Sol mordendo-a; e o Sol, em  
[fúria,  
Fecundando-a de luz, para um parto de flôres!...

## ASPIRAÇÃO

Abre-se a pedra bruta em luz, quando ferida...  
Ao embate do remo, a água, sonora, canta...  
Quando uma árvore rue, golpeada em plena vida,  
Da ramagem que rôla um hino se levanta!

Abra-se em flama e amor meu coração ferido!  
Ao embate da dôr, a alma, serena, cante!  
E quando a morte vier, meu verso dolorido,  
Glorificando a vida, aos astros se levante!

Quero, mau grado tanto sonho vão,  
Deixar assim, em música disperso,  
Um pouco do meu sêr, feito emoção,  
Dentro da alma impassível do Universo...